

*revista de comunicação,
jornalismo e espaço público*

3

Periodicidade

Semestral

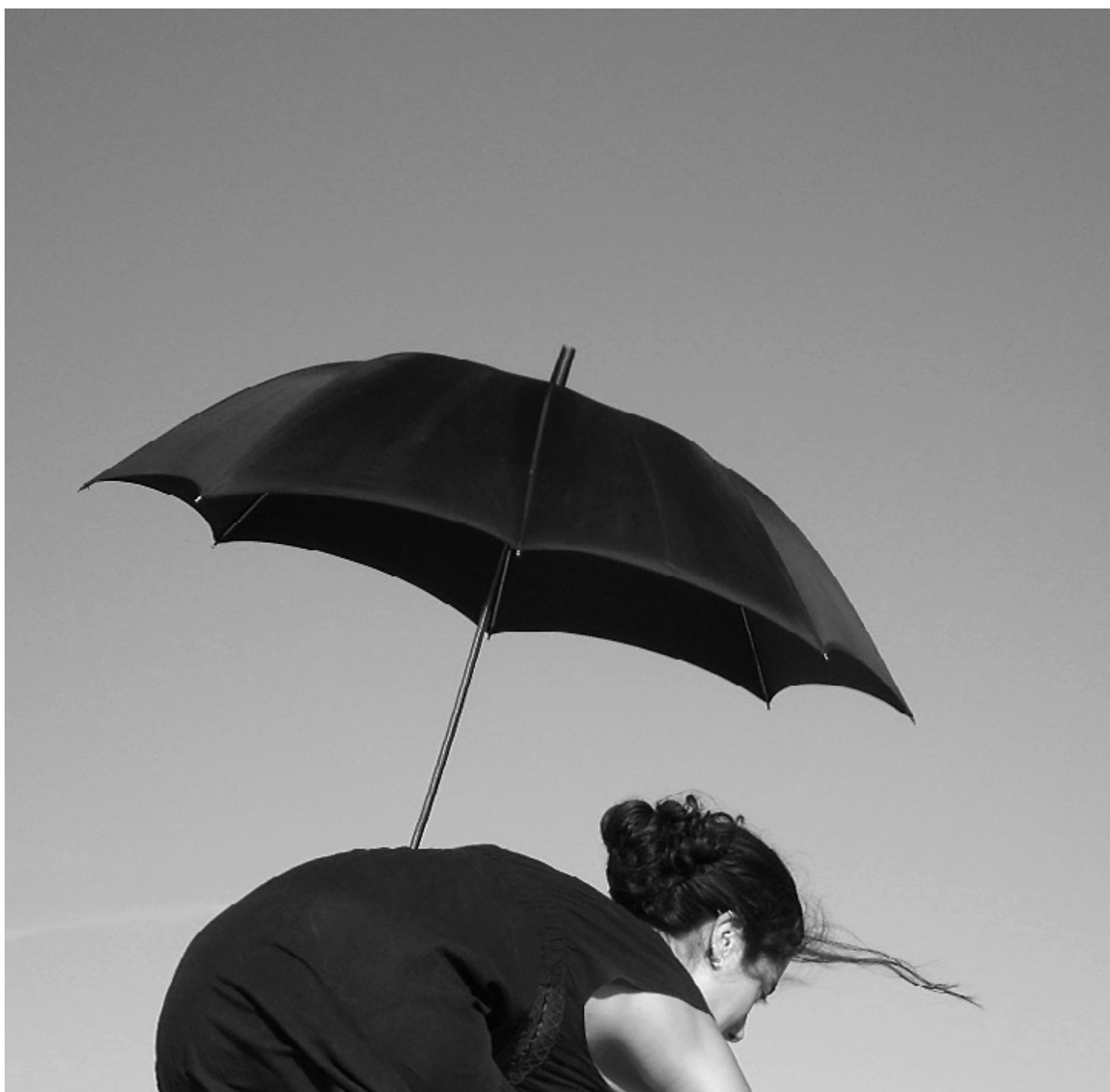
Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

mediapolis

tema

**o ensino do jornalismo
no século XXI**





Repensar o papel da literatura e do jornalismo no século XXI:

a reportagem jornalística no centro das humanidades digitais

Rethinking the role of arts and journalism in the XXI century: the news story at the center of digital humanities

https://doi.org/10.14195/2183-6019_3_8

Resumo

Ao longo deste trabalho, analisamos, desde o século XIX, a natureza flutuante da relação entre jornalismo e outras artes, incluindo a literatura. O principal objetivo é expor como esta oscilação não é uma ameaça para ambas as formas narrativas, mas sim uma contribuição para o seu enriquecimento mútuo. Neste sentido, considera-se que é necessário que a Universidade tenha em conta, experimentalmente, a narrativa jornalística, considerando as possibilidades de interface que ele tem com a literatura e as artes em geral, particularmente no contexto específico do ambiente digital. N

Palavras-chave: Jornalismo, arte, literatura, reportagem, humanidades digitais

Abstract

Throughout this paper, we analyze, since the nineteenth century, the floating nature of the relationship between journalism and other arts, including literature. The main goal is to expose how this oscillation is not a threat to both narrative forms, but rather a contribution to their mutual enrichment. In this sense, it is considered that it is necessary that the University thinks, in an experimental approach, the journalistic narrative bearing in mind the possible interfaces with literature and the arts in general, particularly in the specific context of the digital environment.

Keywords: Journalism, art, literature, news reporting, digital Humanities.

Jornalismo e literatura: irmãos rivais

As relações entre jornalismo e literatura são tão antigas como antigas são as tentativas sucessivas de obter uma espécie de “simbiose” entre ambas. Restringe-se a discussão ao período que se inicia no século XIX, período em que a afirmação e especificidade dos géneros jornalísticos tornou a questão mais candente.

Num primeiro período, assiste-se a uma maior influência do jornalismo na literatura.

É a época de ebulição do jornalismo político-literário, em que as páginas impressas funcionam como caixa acústica de ressonância, programas político-partidários, plataformas de políticos, de todas as ideias. É época em que o jornal se profissionaliza: surge a redação como um setor específico [...] Nessa época do jornalismo literário, os fins económicos vão para segundo plano. Os jornais são escritos com fins pedagógicos e de formação política (Filho, 2000, p. 11-12).

Os jornais apresentavam quase sempre uma configuração publicista e doutrinária, resultante, em grande parte, da atividade de um intelectual que desempenhava uma missão de divulgação das ideias com que se identificava (Schudson, 1978, p. 16).

Posteriormente, principalmente no século XX, a imprensa adquire novas perspetivas: o valor de troca – venda de espaço para a publicidade – torna-se prioridade em relação ao valor de uso (Filho, 2000). Assume-se como um empreendimento que visava o lucro, a publicidade e os anunciantes e, por consequência, a literatura sobreviveu esporadicamente em suplementos e cadernos literários. Em Portugal, foi o *Diário de Notícias*, fundado em 1865 por Eduardo Coelho, que seguiu o modelo dito supraclassista e apartidário (Tengarrinha, 1986, p. 215). O jornalismo industrial, nesta segunda fase, emergiu associado aos regimes de verdade marcados pela generalização do capitalismo e das utopias positivistas. Uma das imagens de marca dos novos tipos de enunciados emergentes no século XIX – a objetividade como conjunto de técnicas mais adequadas à descrição dos factos – não se pode

dissociar do otimismo de uma época em que o progresso surge enfatizado pela capacidade de averiguar tudo sobre o mundo exterior.

O ambiente positivista do século XIX e a invenção e divulgação da fotografia reforçavam a ideia de reflexão dos factos pelas notícias como de espelhos se tratasse. Ao empregar a fotografia como metáfora, os jornalistas construía a imagem do espelho e da cópia. Os jornais apresentaram-se “como produzindo uma fotografia diária da vida nacional” (Schiller, 1979, p. 49).

O jornalismo como narrativa

Apesar da importância que a objetividade e a relação com a verdade têm na construção das normas profissionais que regem esta atividade, é impossível ignorar que o jornalismo é uma narrativa e, por isso, uma forma de contar histórias que funcionam de um modo mitológico.

A função do mito é explicar o que não pode ser facilmente explicado e contribuir para a consolidação de noções de moralidade e adequação

social. De modo similar, as notícias proporcionam uma sensação de estabilidade e segurança em relação ao mundo exterior.

Com base nesta hipótese, desenvolveu-se a ideia de que o modo como as notícias organizam o mundo, procurando dar significado ao caos circundante, torna-as um lugar de segurança para as comunidades humanas. As fábulas contadas e recontadas pelas notícias diárias revelam os mitos mais profundos que habitam as meta-narrativas culturais do noticiário: o crime não compensa, a corrupção tem de ser punida, o trabalho enobrece, etc. (Motta, 2007, p. 167).

Desta forma, uma parte substancial dos relatos noticiosos viriam na tradição de publicações como os almanaques, reportórios, calendários e prognósticos, que desempenhavam uma importante função social e cultural, compensando a angústia face ao desconhecido e até ao sobrenatural: “Os acontecimentos são narrados de formas que invocam esses enquadramentos familiares, estáveis, contribuindo para a estabilidade da própria sociedade” (Gurevitch, Lewy e Roeh, 1991, p. 207).

Muitos autores têm sublinhado a existência de uma dívida das notícias para com outras formas de narrativa popular. Hugues (1940) desenvolveu um estudo pioneiro sobre as histórias de interesse humano, mostrando como certas histórias como “as da criança perdida” são recorrentemente atualizadas nas peças noticiosas, arrastando consigo o tema da inocência ameaçada e do “papão”: a ameaça sobre o cenário quotidiano familiar traduzida na imagem do raptor, a morte, a presença ameaçadora do eventual pedófilo, o “papão” das estórias infantis, ajusta-se a este fundo “arcaico” da narrativa (Correia, 2006).

Percorrendo caminhos similares, é possível estudar a configuração dos enunciados jornalísticos como emergindo das interações com as tradições literárias e culturais de cada país. As notícias são “estórias” que estão associadas à busca de um sentido de comunidade de pertença e que refletem a sua contaminação por outras formas simbólicas, provenientes seja das tradições da cultura escolarizada e canónica seja da cultura entendida num sentido mais vasto e antropológico. Tanto podemos relatar um acontecimento como

drama ou comédia, pelo que os relatos noticiosos de acontecimentos devem ser olhados como “estórias” (Schudson, 1988, p. 25).

Enquanto “estórias”, os relatos jornalísticos implicam, por isso, a intervenção mediadora de uma intriga. A construção de uma narrativa pressupõe, assim, a seleção dos elementos que permitem fazer progredir a “estória”. Nesse sentido, “um acontecimento não é apenas uma ocorrência, alguma coisa que acontece, mas uma componente narrativa” (Ricoeur, s/d, p. 26). Tal como a literatura, o jornalismo pertence ao mundo das narrativas e mergulha a sua razão de ser na construção que confira sentido à aventura vivida.

No saber científico, pressupõe-se que o enunciador diz a verdade acerca do referente. Assim, é referente o que no debate pode servir de matéria de prova, de convicção. Assim, o saber científico a) é predominantemente denotativo e o seu critério de aceitabilidade é o valor de verdade; b) é um saber que se exterioriza de forma institucionalizada; c) só pressupõe a existência de enunciados verificáveis por argumentação e prova; d) supõe

a afirmação de algo novo relativo a enunciados anteriores (Lyotard, 1989, pp. 55-61).

O jornalismo oscila entre a ambição de cientificidade, que se traduz num predomínio da linguagem denotativa, e um saber mais ligado à narrativa que se reflete na proximidade à vida quotidiana. Bird e Dardenne (1993, p. 273) concordam com esta posição: “Os jornalistas encontram-se incomodamente repartidos entre o que eles consideram dois ideais impossíveis – as exigências de “realidade” que consideram alcançável através de estratégias objetivas, e as exigências da narratividade”.

Adicionalmente, o politeísmo de valores que atravessa a sociedade tem efeitos que desestabilizam a possibilidade de uma narrativa continuada e linear: as práticas discursivas dos diferentes *media* contaminam-se entre si, produzindo um efeito de mosaico.

A desterritorialização da experiência significa, na realidade, que o mundo da vida quotidiana já não possui a estabilidade e a rigidez que, por vezes, lhe eram atribuídas. Os acontecimentos multiplicam-se, as narrativas apresentam-se fragmentadas.

A forma como valores idênticos ressoam em narrativas diversas é um facto. Porém, o agente social, mergulhado no mundo da vida, é suscetível de ser confrontado com um número cada vez maior de experiências de choque, com mudanças que se desenvolvem muitas das vezes no plano simbólico, mas que desestabilizam a percepção de conjunto da realidade social.

A multiplicação das comunidades interpretativas que agrupam leitores, espectadores e ouvintes, a fragmentação e o pluralismo cultural resultantes destes fenómenos convivem com a hipótese de um universo jornalístico em que a multiplicidade de ângulos exige, por um lado, uma revisão mais rápida de enquadramentos já formulados e, por outro lado, a aceitação de um confronto plural entre várias tipificações e vários enquadramentos possíveis que podem ocorrer em simultâneo no decurso do processo de receção e circulação do enunciado jornalístico. Neste sentido, aquilo a que, à falta de melhor, chamamos de princípio da estranheza, passa também pelo aprofundamento da imaginação, no sentido, não de criar universos

fictícios, mas de capacidade de intuir outros possíveis para além dos factos relatados.

Se considerarmos que a realidade social é suscetível de ser decomposta de acordo com diversidade da experiência humana, pode considerar-se que o facto de se multiplicarem as formas de experimentarmos o mundo da vida pode originar uma maior frequência nas sucessivas transições que se efetuam entre âmbitos diversos de significado. A consciência crescente do pluralismo incentiva a pluralidade de possibilidades narrativas, ao mesmo tempo que a diversidade de narrativas possibilita a construção de novos imaginários sociais.

Simultaneamente, as transformações tecnológicas, a existência de modos de linguagem que, ao invés da linearidade, possuem a característica de se apresentarem como veículo para narrativas diferentes e formas diversas de expressar a realidade do mundo (basta pensar na facilidade com que, graças ao hipertexto, se pode passar da escrita para a imagem ou para o som), tornam-se uma fonte de transições, mixagens e hibridizações.

Pode-se falar de uma fase de jornalismo literário, quando se alude ao período anterior à consolidação do jornalismo industrial. Durante esse período, quer jornalistas quer escritores eram publicistas de um modo empenhado

Do jornalismo literário ao novo jornalismo

No seu longo namoro com a literatura, o jornalismo, a partir do século XIX, configurou-se um objeto bem delimitado, embora não o fosse nas suas origens. No século XVII, quer pelo estilo, quer pela sua apresentação, as primeiras gazetas confundiam-se muito facilmente com outros tipos de diários, relatos, reportagens e panfletos que então proliferavam.

Assim, as relações entre jornalismo e literatura conheceram diversos movimentos de aprofundamento, da mesma maneira que as transformações produzidas na narrativa literária originaram transformações na narrativa jornalística. Não se pretende proceder a periodizações históricas rígidas que não corresponderiam à diversidade de contextos económicos, sociais, culturais e políticos, muito variados entre si, quando observamos os exemplos da Europa, dos Estados Unidos e do Brasil.

Antes se refere, a título exemplificativo, momentos significativos em que a influência de diferentes formas de narrativa se fez sentir de modo

particularmente agudo nas relações entre jornalismo e discurso literário.

Pode-se falar de uma fase de jornalismo literário, quando se alude ao período anterior à consolidação do jornalismo industrial. Durante esse período, quer jornalistas quer escritores eram publicistas de um modo empenhado que unia os homens de letras na figura do intelectual: nos séculos XVIII e XIX, iluministas e românticos encontraram na imprensa o seu principal órgão de debate, comunicação e divulgação, como se verificará em França, Itália, Alemanha e Inglaterra. Posteriormente, a crítica social e política deixa uma presença acentuada: Eça de Queirós e Ramalho Ortigão; Euclides da Cunha, Machado de Assis, Manuel António de Almeida, Émile Zola, Mark Twain, Sue e Dickens são alguns dos protagonistas que se podem considerar nesta fase como representantes deste período caracterizado pela exigência de testemunho público perante a realidade social.

Simultaneamente, o género do folhetim terá a sua aparição e auge (Sue e Dickens) e contribuirá para a consolidação simultânea de jornalismo e da

literatura, criando enunciados marcados pelo realismo social e pelo drama, que se contaminaram em fórmulas literárias e jornalísticas, dirigidas para as novas classes urbanas: folhetins e *fait-divers* sintetizam, na sua simplicidade, o dramatismo da vida nas grandes cidades (Pena, 2008).

A mesma exigência de relação urgente com a realidade marcou, no século XX, o período entre as duas guerras: as obras de Hemingway sobre os conflitos da primeira metade do século bem como a preocupação obsessiva deste autor em apurar a técnica do diálogo e conseguir um máximo de economia narrativa e a descrição realista da condição social feita por Steinbeck e John dos Passos, com abundância de recurso estilísticos que procuram fazer reviver a ação aos olhos dos leitores, mostram como estes autores exibiam um estilo em que a descrição e a narração ocupavam conscientemente um papel fundamental, que parece antever o percurso seguido, alguns anos mais tarde, pelo Novo Jornalismo. Assim, do Realismo social longamente gerado na Europa, transplantado para a América quando já fenecia, é que o jornalismo extrairia

o melhor contributo para a renovação estilística da narrativa em profundidade (Kunsch, 2000).

Hemingway consideraria explicitamente, numa entrevista à Revista *The Paris Review*, que as regras jornalísticas eram as regras que melhor conheceu para a aprendizagem sobre o ofício da escrita. O seu primeiro emprego foi o *Kansas City Star*, tendo-se seguido, após a I Guerra Mundial, o emprego no *Toronto Star* como *free lancer* e correspondente no estrangeiro, que lhe permitiu residir em Paris e conviver com a colónia de imigrados (Stein, Fitzgerald, Pound e Elliott), que seriam protagonistas de alguns momentos memorialistas de alguns dos seus livros, e fazer a cobertura de acontecimentos como a Guerra Greco-Turca. Hemingway voltaria a ser jornalista e correspondente de guerra em Espanha, tendo assinado um contrato com a revista *Collier* que lhe permitiria proceder à cobertura de vários episódios da II Guerra. Qualquer destas experiências estará presente em vários dos seus romances, nomeadamente *Por quem os Sinos Dobram* e *Na Outra Margem entre as Árvores*. Muitos dos críticos de Hemingway,

Assim, do realismo social longamente gerado na Europa, transplantado para a América quando já fenecia, é que o jornalismo extrairia o melhor contributo para a renovação estilística da narrativa em profundidade

mesmo alguns dos mais reticentes sublinham que o melhor do escritor está na sua capacidade de descrição e de observação.

Este tipo de escrita, muitas vezes assente na própria experiência vivida, encontraria repercussão noutros grandes nomes da época como André Malraux, Césaire Pavese, André Gide ou Iliah Ehrenburg, testemunhos de uma época em que se insistia em associar o escritor ao testemunho do sofrimento da humanidade.

Em Portugal, o jornalismo foi uma prática corrente de escritores como José Saramago, Fernando Assis Pacheco, Baptista-Bastos, José Cardoso Pires, Urbano Tavares Rodrigues, Fernando Dacosta, Manuel António Pina, João Maria Mendes, José Jorge Letria, Miguel Esteves Cardoso, Rui Zink, Francisco José Viegas, Inês Pedrosa, Alexandra Lucas Coelho, entre outros.

Um tema nunca completamente analisado, e que terá o seu apogeu nas duas guerras, terá sido o da continuação de uma espécie de literatura folhetinesca, próxima do Realismo social e com recurso a técnicas do jornalismo: a literatura policial ou romance negro (de detetives), particularmente

presente nos Estados Unidos e no mundo francófono, com Dashiell Hammett, Franck Gruber, Raymond Chandler e Georges Simenon, que também encontrará o seu equivalente português na obra do jornalista e escritor Dinis Machado (que assinou romances policiais com o pseudónimo de Dennis McShade). A escrita nervosa, a evocação de ambientes, a narração trepidante fazem parte de um universo discursivo em que a narrativa realista, o cinema e o jornalismo desempenham um papel reconhecível.

Não é, pois, por caso que foi, nesta tessitura em que confluem as narrativas populares urbanas, que Truman Capote, Gay Talese, Norman Mailer e Tom Wolfe – jornalistas de profissão – começam a escrever peças jornalísticas recorrendo a técnicas narrativas próprias dos escritores de ficção. No New Journalism, foi a Literatura que se prolongou no Jornalismo, reinventando a sua vitalidade através da experimentação estilística presente no uso desmedido de pormenores e na reconstituição minuciosa de ambientes, personagens e ações. Como tal, cada reportagem se aproximava do género

da novela, enquanto a novela e o romance usavam técnicas que haviam sido aprofundadas na reportagem.

O digital como um desafio estético: a criatividade no jornalismo

Perante um desafio complexo como o digital, faltam aos jornalistas *online* noções mais abrangentes sobre a produção de significados. O digital lançou um novo desafio para a relação com a verdade: a resposta dominante tem sido um empobrecimento do discurso e a recusa em aproveitar as potencialidades do próprio digital. As técnicas de *how-to-do* jornalístico pareceram, maioritariamente, colaborar na configuração preguiçosa de uma mentalidade reducionista de empobrecimento simbólico (Kunsch, 2000: 97).

Os dados disponíveis parecem confirmar esta hipótese:

No que diz respeito mais especificamente a inovações no jornalismo, os estudos recentes têm

associado de maneira consistente e recorrente a inovação à tecnologia. Grubenmann (2013), em resenha crítica de 60 artigos acadêmicos em língua inglesa relacionados à inovação, concluiu que: “Apesar de que a investigação em jornalismo não se limite a inovações tecnológicas, cerca de 70% da literatura localizada trabalham esse tópico. Cerca de 9% da investigação referem-se a design inovador no jornalismo e os restantes 21% investigam diferentes tópicos de inovação jornalística (Palácios, Barbosa, Silva e Cunha, 2016, p. 7).

Da mesma maneira, haveria que considerar que a própria configuração material e a natureza das plataformas, suportes e linguagens transportavam em si mesmas as possibilidades de um uso diferente, que a tatibilidade dos dispositivos móveis veio realçar:

O formato da narrativa jornalística ganha substância numa interface gráfica. O design desta interface é o lugar onde o formato narrativo se substancializa e

ganha vida aos olhos daqueles que o acessam, visualizam e com ele interagem, construindo uma experiência narrativa jornalística (Bertocchi, 2009). A tarefa de pensar esse formato narrativo no jornalismo digital renderizado numa interface – construído com a ajuda do design de interface – tem sido uma tarefa de jornalistas, mas, sobretudo, de profissionais vinculados à disciplina da Arquitetura de Informação. Refletir sobre o ato de formatar uma narrativa é refletir sobre o tipo de experiência narrativa que os usuários finais irão vivenciar. Não se trata de apenas “arquitetar” a informação da melhor forma, mas de desenhar uma melhor experiência – considerando telas em diversos tamanhos e algoritmos que ordenam visualizações de dados. (Bertocchi, Camargo e Silveira, 2015, p. 63.)

Nesse sentido, deveria ser vista no *online* uma possibilidade à arte, enquanto experiência imaginativa sobre a realidade, dando origem a uma dimensão literária que, por sua vez, no ecossistema digital, também ela

estaria aberta a ser reapreciada. Esta abertura é também uma abertura à complexidade e à imaginação, de que a racionalidade estético-expressiva constitui uma parte poderosa.

A própria reflexão filosófica e os desenvolvimentos narratológicos e antropológicos já acima referidos confirmam a viabilidade deste percurso:

Quando nos voltamos às reflexões mais filosóficas, vemos que a ideia de experiência carrega em si uma dupla abordagem: o sentido de experimento, da construção da verdade; e o sentido de vivência, da interioridade do sujeito. Platão, por exemplo, coloca a experiência como arte (saber) e como ciência (conhecer); Aristóteles como lembranças repetidas e persistentes sobre um mesmo objeto. A experiência também já foi relacionada à intuição, às formas de conhecimento empíricas, ao saber instintivo, como método de conhecimento e acesso à realidade (Bertocchi, Camargo e Silveira, 2015, p. 66).

Obviamente, esta reflexão que demorou a instalar-se em muita da

produção intelectual e académica desenvolvida em torno do *online*, não poderia deixar de aplicar-se à reportagem tal como os percursos anteriores de renovação e questionamento do jornalismo haviam feito:

As estruturas hipertextuais e multimídias estão desafiando os jornalistas a experimentarem diferentes formas para contar histórias no meio digital. De acordo com Larrondo Ureta (2009), “a reportagem hipermídia demonstra recursos variáveis, mas também outros constantes, os quais indicam que estamos diante de um gênero hipertextual de grande riqueza narrativa, um gênero multimidiático de riqueza expressiva e um gênero polimórfico de grande riqueza estilística” (p. 78-79, tradução nossa). A reportagem é um dos principais campos de experimentação que o jornalismo possui, permanecendo como uma modalidade expressiva central para a informação diferenciada, profunda e aberta” (Mielniczuk, Baccin, Sousa e Leão, 2015, p. 132)

Consequentemente,

No ambiente digital, a contextualização já existente nas reportagens impressas pode ser ampliada a partir da utilização das modalidades comunicativas (fotos, vídeos, áudios, gráficos, animações), enriquecendo a narrativa. (...). O forte desta reportagem é a multimídia, pois conta com recursos textuais e audiovisuais. Nesse sentido, destaca-se também que o tamanho da tela dos tablets favorece os conteúdos audiovisuais (Canavilhas & Sattuf, 2013). A multimídia e a utilização do HTML5 possibilitam que os jornalistas construam modelos criativos de contar histórias (Mielniczuk, Baccin, Sousa e Leão, 2015, p. 142)

Não deixa de ser paradoxal que, em face dos recursos tecnológicos disponíveis, uma parte do jornalismo tenha enveredado por uma utilização multimidiática pouco imaginativa que continuou, durante muito tempo, a fazer do “jornal” uma espécie de *e-newspaper*, mais colorido e com

algumas funcionalidades multimidiáticas adicionadas: puro *marketing* sem rasgo inventivo que empobrece a própria dinâmica comercial. A lógica da poupança de recursos, própria de uma leitura unilateral da racionalidade instrumental, negou o risco e inovação, próprio dos surtos de desenvolvimento capitalista, como Marx demonstrou no *Manifesto*.

Num ecossistema altamente predatório, faltou, pelo menos no início, ao jornalismo *online* a capacidade de inovar e de assumir os riscos dos tempos que vivia. A “hegemonia do pensamento simplificador nas redações e empresas jornalísticas, associada à febre da modernização tecnológica produziu um jornalismo saltitante, instantâneo, rápido ágil e tecnológico” (Kunsch, 2000, p. 101).

O resultado foi conhecido. Porém, foi inesperado e ilógico porque fechou, durante demasiado tempo, as portas ao gênero jornalístico mais aberto e imaginativo e que curiosamente mais teria a ganhar com as possibilidades do *online*: a reportagem. Em seu lugar, tem-se vindo a colocar a notícia – gênero mais minutado para dar lugar a uma espécie rotineira de

tecno-burocracia, fechada à textualidade da rua e do cotidiano. No início, esqueceu-se o fundamental.

Creativity and information are no longer distinct (...), therefore we must think of how to inform with a light touch, how to yield pleasure while maintaining a political grasp, how to know and to dream at one and the same time (O'Reilly, 2009, p. 9).

Apesar disso, na sequência de experiências levadas a efeito quase todas com raízes na própria Net, ora com uma lógica mais comercial, mas inovadora e progressiva, ora numa lógica mais contra-cultural, politicamente dissidente e esteticamente ouzada, surgiram propostas que parecem abertas ao desenvolvimento de outros modos de pensar sobre a informação jornalística

Come and go in front of a representation at one's leisure, be irreverent to the format of the reproduction of things, take time to make sense of what is presented - all these opportunities must be kept alive

in artistic practice, to eventually expand back into traditional journalism and other news formats (Kasprzack, s/d, p. 13).

Na primeira década do século, os *mass media* assistiram a uma crescente estetização da informação. Desencadearam-se consequentemente novas oportunidades para reprocessar a distinção entre ficção e não ficção em novos termos que não esquecessem a dimensão narrativa e estética inerente à segunda. O jornalismo conheceu novas possibilidades para acrescentar camadas de discurso cada vez mais complexas no mesmo texto, sendo que os próprios limites e margens do texto se confrontaram com novos desafios à sua estabilidade.

Faltou, no entanto, um questionamento mais sistemático da forma como organizar os materiais postos à disposição, de um modo que permitisse um olhar crítico (não necessariamente *engagé*) sobre a realidade. Referimos ao trabalho de edição e de montagem e às múltiplas possibilidades de ilustração visual (de modo estático ou dinâmico) das declarações produzidas. A crescente pressão comercial levou

à tendência de envolver as notícias em formatos de entretenimento. Porém, paralelamente, desenvolveram-se outros percursos: pode-se discernir um interesse crescente da narrativa literária e jornalística numa dimensão estética que não se esgota no puro marketing no seu sentido menos profundo e mais reificante. Considerou-se que, partindo das experiências abertas pelo Novo Jornalismo (cujas marcas continuam representadas na prática contemporânea), era possível tentar construir uma alternativa aos dispositivos *mainstream*, usando métodos investigativos e de experiência artística para obter conhecimento acerca de um problema individual ou coletivo. Neste caso, o jornalista tende a deixar-se absorver cada vez mais em tarefas profissionais que se encontram paredes meias com a produção artística: não se trata de uma questão, aliás, nova, mas, antes, de uma questão que apresenta uma nova evidência.

Em sentido inverso, com a dessacralização da arte pode discernir-se, no universo literário e no universo artístico em geral, um interesse crescente em estratégias estéticas que remetem diretamente para o tratamento de

dados e conhecimento obtidos através de métodos de trabalho investigativos e cujos resultados são apresentados usando formatos jornalísticos ou parajornalísticos.

O projeto “One Step Beyond” (2001–2004), do artista alemão Lukas Einsele, é protótipo de uma atitude jornalística em arte. Produzido por Witte de With foi exibido em Rotterdam, Krefeld (Museu Haus Esters), Karlsruhe (Badischer Kunstverein), New York (UN and Goethe Institut), Berlin (Martin-Gropius-Bau), Stuttgart (Akademie Schloss Solitude), Umeå (Bildmuseet Umeå University), Darmstadt (Galerie der Schader Stiftung), Thessalonica (1st Biennial of Contemporary Art), Malmö (Malmö Museet). Viajou também para os países onde o material foi recolhido: Angola, Bosnia-Herzegovina, Cambodja e Afeganistão. (Goethe Institute in Kabul, 2007). O trabalho de Lukas Einsele consistiu em estudar o fenómeno mundialmente conhecido das minas terrestres e suas respectivas vítimas. Resulta de uma viagem com o fotógrafo Andreas Zierhut a campos de minas nestes países, estudando as interrelações entre estas e as suas vítimas no contexto da

política mundial, resultante do uso simultâneo de fotos, vídeos, entrevistas e textos que são utilizados em websites e instalações, originando um novo espaço estético e político em que uma vasta quantidade de informação pode ser apresentada ao público de uma forma distinta e original. O artista multimédia Michael Takeo Magruder utilizou materiais jornalísticos da BBC e da CNN para produzir uma narrativa fortemente individual dos factos ocorridos em Fallujah, acerca da morte de 4 soldados Americanos. O material (áudio e vídeo) foi trabalhado de modo a tornar claro que se tratava de uma narrativa fortemente censurada. Antonio Muntadas criou um arquivo online da censura na história da humanidade, acessível por país, tema e período histórico. Julia Meltezer e David Thorne promovem um projeto na WEB chamado *The Speculative Archive* que usa documentos governamentais desclassificados para colocar em discussão noções de história, política e cobertura mediática. Josh On and Futurefarmers criaram *They Rule*, um projeto de arquivo online que descreve graficamente os laços entre as figuras mais poderosas da política e de

corporações americanas. (Camerotti, 2009, pp. 45-46 e 86).

Pela sua exigência, este tipo de experiências constitui ainda um desafio deontológico: a liberdade, concedida pela multiplicidade de vozes que tecem a narrativa, implica deontologicamente uma lógica de abertura que, sem descurar o mediador-autor, o coloca como organizador de uma teia de significados divergentes.

Importa, assim, determinar que tipo de narrativa e recorrências temáticas poderão ser usadas nas reportagens de hoje. Exemplos provenientes do jornalismo da arte evidenciam um uso simultâneo de elementos paratextuais, nomeadamente escolhas tipográficas, títulos, sumários, seleção de cor, de som e de imagem, que convergem nos dois sentidos. Todos os elementos usados para orientar o ato de perceção, seja na leitura, na visão e na audição, são mobilizados para permitirem a construção de uma narrativa.

Provavelmente este é um caminho no decurso do qual a noção de atividade artística perderá o seu sentido moderno para incluir novas formas de expressão e locais de acontecimento

da mesma expressão, sendo eles jornais, festivais de cinema, Internet, rádio, revistas, televisão e as numerosas intertextualidades que se verificam entre elas.

Esta maneira de abordar a questão conduz a que se pense a internet como *locus* privilegiado para o jornalismo não apenas literário, mas, de uma forma ainda mais geral, aberto à experiência estética. O conteúdo da Web, permitindo o recurso à paródia e convocando a fragmentação e problematização das notícias tradicionais, pode, de forma privilegiada, suscitar uma simbiose entre a experiência do jornalismo ao serviço do bem público com a ideia de experimentação artística. Neste sentido, o jornalismo, sem deixar de o ser (nem prescindir de mediadores), precisará de mediadores ainda mais hábeis e preparados, atentos à sua imersão numa experiência de comunicação pública que inclui blogs, redes sociais, jogos interativos, *design*, *media arts*, grupos de ativistas e *sites* de partilha de informação. Esta é uma experiência que pode ser discutida no âmbito das Humanidades Digitais.

Conclusão: esboço de um projeto pedagógico

A conclusão das reflexões e dos exemplos que as suscitaram indica um caminho de que apenas se atreve uma antevisão. Pedagogicamente, a formação de jornalistas implica um contacto com o Laboratório Multimédia. Porém, não deve esquecer algo que era próprio do património do jornalismo: a sua ambiguidade constitutiva que teve como contrapartida positiva a relação próxima com outros géneros narrativos. Neste caso, uma experiência multimédia deve deixar de ser a aprendizagem de um livro de instruções que ensinam como manusear vários *media*. Deve ser também uma proposta de contacto sistemático com os *insights* proporcionados pelas artes, Cinema, Design, Teatro, *Media Arts* e Literatura, do mesmo modo como os jornalistas literários em diversas fases da sua existência não hesitaram em experimentar e viver com as artes das suas distintas épocas. A questão não fica circunscrita a uma opção entre um homem de 7 instrumentos (um MacGyver competente munido de canivetes suíços muito sofisticados) e um

gênio da Renascença de competência abrangente e enciclopédica. A prática quotidiana destes saberes tem uma dimensão artesanal e de saber-fazer que impede a forma como desvario romântico que conduziu a arte a caminhos que, nos seus piores limites, se tinham transformado em paródia de si próprios. Porém, terá algo de ambos.

Bibliografia

- Bertocchi, D., Camargo, I.O. & Silveira, S.C. (2015). Possibilidades narrativas em dispositivos móveis. In J. Canavilhas & I. Stuff (Eds.), *Jornalismo para Dispositivos Móveis: produção, distribuição e consumo* (pp. 63-82). Covilhã: UBI, Livros LabCom.
- Barbosa, S. & Fidalgo, A. et al. (Eds.) (2013). *Jornalismo e Tecnologias Móveis*. 1.ª ed. Covilhã: Livros LabCom.IFP.
- Barbosa, S. & Fidalgo, A. et al. (Orgs.) (2007). *Jornalismo Digital de Terceira Geração*. Covilhã: Livros LabCom - Série Estudos em Comunicação.
- Bird, E. & Dardenne, R. W. (1993). Mito, registo e “estórias”: explorando as

- qualidades narrativas das notícias. In Nelson Traquina (Ed.), *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”* (pp. 263-277). Lisboa: Vega.
- Canavilhas, J. (2008). *Webnotícia: Proposta de modelo periodístico para la WWW*. Coleção Estudos em Comunicação. Covilhã: Livros LabCom. Consultado a 29 de setembro de 2015 em www.livroslabcom.ubi.pt/sinopse/canavilhas-webnoticia.html.
- Canavilhas, J. & Stuff, I. (2015). *Jornalismo para Dispositivos Móveis: produção, distribuição e consumo*. Covilhã: UBI, Livros LabCom.IFP.
- Canavilhas, J. (2014). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: UBI, Livros LabCom.IFP.
- Camerotti, A. (2009). *Aesthetic Journalism. How to inform without informing*. Chicago: Chicago University Press.
- Correia, J. C. (2006). Regresso ao “arastão” de Lisboa. Reflexões sobre a epistemologia do jornalismo. In Alfredo Vizeu *et al.* (Eds.), *Telejornalismo: a nova praça pública*, (pp. 193- 220). Santa Catarina: Insular.
- Domingo, D. (2006). *Inventing online journalism Development of the Internet as a news medium in four Catalan online newsrooms*. Tese Doutoral. Universitat Autònoma de Barcelona. Consultado a 29 de julho de 2010, em http://webs.racocatala.cat/dutopia/docs/tesi_ddomingo.pdf.
- Filho, C. M. (2000). *Comunicação e jornalismo: A Saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores.
- Gurevitch, M., Lewy, M. R. & Roeh, I. (1991). The global newsroom. In Peter Dahlgren e Colin Sparks (Eds.), *Communication and citizenship*. London and New York: Routledge.
- Hugues, H. M. (1940). *News and the human interest story*. Chicago: Chicago University Press.
- Kasprzack, M. (s/d). *Every Journalist, an Artist, in Blow Reader*. Acedido a 6 de janeiro de 2016, em <http://v2.nl/events/blowup-every-artist-a-journalist>.
- Kunsch, D. A. (2000). *Maus Pensamentos: Os mistérios do mundo e a reportagem jornalística*. São Paulo: Annablume.
- Liotard, J.-F. (1989). *A Condição Pós-Moderna*. Lisboa: Gradiva.
- Lupi, G. & Aesch, M. (2012). Non-linear Storytelling: Journalism through “Info-spatial” Compositions. *Parsons Journal for Information Mapping, IV* (4), 1-1.
- Mielniczuk, L., Baccin, A. N. *et. al.* (2015). A reportagem hipermídia em revistas digitais móveis. In J. Canavilhas e I.Stuff (Eds.), *Jornalismo para Dispositivos Móveis: produção, distribuição e consumo*, (pp. 127- 152). Covilhã: UBI, Livros LabCom.IFP.
- Motta, L. G. (2007). Análise pragmática da narrativa jornalística”. In C. Lago e M. Benetti, (Eds.), *Metodologias de pesquisa em jornalismo*, (pp. 143-167). Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Nocci, J. & Palácios, M. (2008). *Ciberperiodismo: métodos de investigación. Una aproximación multidisciplinar en perspectiva comparada*. Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco. Acedido a 2 de setembro de 2015, em www.argitalpenak.ehu.es/p291content/es/contenidos/libro/se_indice_ciencinfo/es_cincinf/adjuntos/ciberperiodismo.pdf.
- O’reilly, S. (2009). Foreword. In A. Camerotti (Ed.). *Aesthetic Journalism How to inform without informing*, (pp. 9-10). Chicago: Chicago University Press.

- Palácios, M. (2003). *Modelos de jornalismo digital*. Salvador: Calandra.
- Palácios, M., Barbosa, S. *et al.* (2015). Jornalismo móvel e inovações induzidas por affordances em narrativas para aplicativos em tablets e smartphones. In J. Canavilhas e I. Stuff (Orgs.), *Jornalismo para Dispositivos Móveis: produção, distribuição e consumo*, (pp. 7-42). Covilhã: UBI, Livros Labcom. IFP.
- Pena, F. (2008). *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto.
- Ricoeur, P. (s/d). *Do Texto à Ação*. Porto: Rés Editora.
- Silva, M. O. (2006). *Imagem e Verdade*. São Paulo: Annablume.
- Salaverria, R. (Ed.) (2011). *Diversity of Journalisms. Proceedings of the ECREA Journalism Studies Section and 26th International Conference of Communication (CICOM) at University of Navarra, Pamplona, 4-5 July 2011*. Pamplona: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra.
- Salaverría R. & Negrodo, S. (2009). *Integrated journalism: media convergence and newsroom organization*. Barcelona: Sol90 Media.
- Schudson, M. (1978). *Discovering the news*. New York: Basic Books.
- Schiller, D. (1979). An historical approach to objectivity and professionalism in american news reporting. In *Journal of Communication*, 29, (4) 26-45.
- Tengarrinha, J. M. (1986). *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Caminho.